

GRAVURA: ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM / 2008

um filme de JORGE SILVA MELO

Realização, Argumento: Jorge Silva Melo *Fotografia:* José Luís Carvalhosa *Som:* Armanda Carvalho, Quintino Bastos, António Lopes *Montagem:* Vítor Alves *Pesquisa:* Catarina Rosendo, João Miguel Rodrigues *Assistentes de realização:* Cátia Salgueiro, Andreia Bento, Américo Silva *Assistentes de imagem:* César Casaca, Sílvia Diogo, Paulo Menezes *Assistente de montagem:* Miguel Aguiar *Mistura de som:* Miguel Martins *Apoio cenográfico:* Rita Lopes Alves, José Manuel Reis *Fotografias:* Arquivo DN, Catarina Botelho, José Manuel Vasconcellos, Manuel Torres, Mário Novais *Filmes (excertos):* João Hogan (Manuel Torres), Fernando Calhau (Luís Miguel Correia) *Com:* António Charrua, Bartolomeu Cid dos Santos, David de Almeida, Eduardo Nery, Fernando Calhau, Fernando Conduto, Ferreira da Silva, Guilherme Parente, Humberto Marçal, Manuel Baptista, Manuel Torres, Joaquim Barata, João Paiva, Jorge Martins, Julião Sarmiento, Júlio Pomar, Maria Beatriz, Maria Gabriel, Maria Velez, Nikias Skapinakis, Paula Rego, Querubim Lapa, Rogério Ribeiro, Sérgio Pombo, Teresa Magalhães, Tereza Arriaga, Vítor Pomar (depoimentos), Jorge Silva Melo (participação, voz *off* / não creditado).

Produção: Artistas Unidos (Portugal, 2008) *Direção de produção:* João Matos, Manuel João Águas *Financiamento:* Caixa Geral de Depósitos *Apoios:* Câmara Municipal de Tavira, Água-Forte Cooperativa, Centro Português de Serigrafia *Primeira apresentação pública:* 25 de outubro de 2008, DocLisboa *Primeira exibição na Cinemateca Cópia:* betacam digital, 4:3, cor, falada em português, 78 minutos.

Os filmes são como as cerejas? É quase heresia dizê-lo falando do cinema de Jorge Silva Melo, tão atropelado pelas circunstâncias que limitaram a cinco os títulos de ficção de longa-metragem realizados entre 1980 e 2000, de PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO a ANTÓNIO, UM RAPAZ DE LISBOA, na filmografia que vai de 1979 (E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO?, co-realizado com Solveig Nordlund) a 2019 (O TEMPO DE LLUISA CUNILLÉ). E no entanto, a heresia aplica-se: quando algures entre COITADO DO JORGE e ANTÓNIO, Jorge Silva Melo deu por si a filmar um artista plástico que reconhecia como parte do seu território de vida (ele e Palolo conheciam-se da adolescência, reconheciam-se artisticamente), abriu-se a via dos filmes que se foram puxando uns aos outros pelo lado do retrato. Porque houve um desafio, uma oportunidade, porque sim.

Depois de A. PALOLO: VER O PENSAMENTO A CORRER (1995), o retrato de António Palolo que é já, em simultâneo, um retrato de Jorge Silva Melo, vieram, à boleia do encontro com Álvaro Lapa, filmes dedicados a Joaquim Bravo e a Lapa, entendidos em tríptico. Logo surgiu o retrato filmado da atriz Glicínia Quartin, amiga de conversas diárias (era para ser um livro, mas havia que captar-lhe o sorriso). Depois Nikias Skapinakis voltou a puxar pelas artes plásticas. A série continuou, foi-se fazendo com António Sena, Ângelo de Sousa, Bartolomeu Cid dos Santos, Ana Vieira, José Guimarães, Sofia Areal e, por último entre os artistas plásticos, Fernando Lemos. Além de um auto-retrato, JSM por si próprio. E do colectivo GRAVURA, que faz correr este texto. Este núcleo de filmes filmado e narrado por JSM – como cerejas, num tempo que já não era o cantado na canção francesa (trauteada em AINDA NÃO ACABÁMOS, COMO SE FOSSE UMA CARTA, de 2016) – foi acontecendo. Correspondiam a “uma forma muito mais leve do que a ficção

cinematográfica em Portugal, que me estava a parecer muito pesada, não só pelos meios de produção, mas pela finalidade, objectivos e academismo. E achei que era possível, dentro dos Artistas Unidos, que é uma pequeníssima produtora de teatro, fazer uns filmes: documentários, alguns, comigo, ficção com outros [...] fiquei a desenvolver, dentro dos Artistas Unidos, essa linha que é a do documentário de filme de arte.” Silva Melo falou deles assim numa entrevista de 2009 a Joana Beleza disponível no espaço do arquivo virtual que permite bons achados. E continuava, identificando uma maldição desejada nas histórias por contar que o interessaram, ligadas a artistas que admirava:

“Se calhar [estes retratos] vão para uma história do século XX. Ou da segunda metade do século XX, que é a minha. Eu nasci em 1948, portanto é natural que a história que eu conheço – porque antes disso o mundo não existia com certeza – começa em ‘58, começa com o Delgado, quando ganho consciência de que existiam pessoas que iam a manifestações na Sociedade de Belas-Artes. Portanto, é com certeza essa história vivida por várias pessoas transformadoras aquilo que me interessa.”

Para não perder o fio à meada: ela ia, então, em António Sena e Ângelo de Sousa, já se descortinando a possibilidade dos filmes à volta de Ana Vieira e Fernando Lemos. O filme com Nikias Skapinakis (que como António Sena, propôs a JSM a realização de um documentário por altura de uma exposição) permitiria o encontro com Bartolomeu Cid dos Santos (de cujos álbuns pessoais saíram fotografias de Nikias para O TEATRO DOS OUTROS), tendo-se logo anunciado a vontade de um filme que tardou. Os dedicados a António Sena e Ângelo de Sousa já andavam em fabrico e estava a ser difícil conseguir financiamento para o retrato de Bartolomeu – uma triste regra tristes vezes cumprida. Terá sido então que emergiu a ideia do GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM, e com ela as condições – JSM afirmava que, de todos estes e excluindo o filme construído com Glicínia, fora o filme que contara com mais folga financeira, permitindo uma frente de avanços simultâneos. A Culturgest adquirira a colecção da cooperativa Gravura, a proposta é-lhe dirigida por Miguel Lobo Antunes (cúmplice, no cinema, desde NINGUÉM DUAS VEZES), faz-se o GRAVURA. BARTOLOMEU CID DOS SANTOS POR TERRAS DEVASTADAS (de 2009, como ANTÓNIO SENA, A MÃO ESQUIVA e ÂNGELO DE SOUSA TUDO O QUE SOU CAPAZ) acaba por contar com muito material produzido para o GRAVURA, de que Bartolomeu é um relevantíssimo protagonista.

Um entre vários, uma voz entre várias. GRAVURA ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM é um retrato de grupo, o grupo da Cooperativa de Gravadores Portugueses Gravura fundada na baixa de Lisboa, em Julho de 1956, por artistas e intelectuais portugueses, sobre a qual, vinte anos depois, Fernando Azevedo escrevia como a aventura que dá origem à gravura moderna. É também Azevedo a definir essa aventura, e os seus riscos, como uma mútua aprendizagem, proposição a que o realizador vai buscar inspiração para o título. E como sempre põe-se em campo, *in* e *off*, contando a história em que participa, narrador, personagem, distribuidor de planos e sequências, alguns *raccords*, com pequenas e grandes tiradas, deixas e réplicas. Filma as obras, filma lombadas de livros e, quando é preciso as capas, e as páginas desses ou outros livros, filma cartazes, fotografias, filma lugares, filma os protagonistas a que faz desfiar contos e acrescentar pontos, filma as fichas dos sócios da cooperativa, fazendo de tais documentos um elemento importante do GRAVURA, em que um plano fixa o elegante logotipo sobrevivente numa fachada lisboeta da íngreme calçada da Bica.

Também como de costume, constrói o filme com a matéria disponível – ou o que a matéria disponível impõe – e as circunstâncias que se apresentam, no caso particular, a noção de que Rogério Ribeiro, Bartolomeu Cid dos Santos e Júlio Pomar andavam de cadeias às avessas com a saúde. Foi o que levou a que filmasse com brevidade as entrevistas aos três, condicionando todo o argumento do filme – contava JSM, que também lembrava que se tratou de um projecto caro, que envolveu muitas horas de filmagem (umas dezenas de horas de material cujos brutos foram, no caso das entrevistas, entregues à Fundação Calouste Gulbenkian, decerto um precioso arquivo que poucos anos depois era fonte de investigações académicas). Também porque – e terá sido outra circunstância condicionante do projecto – a premissa de dispor, no filme, de uma centena de gravuras da colecção levou à feitura dessas imagens, desta feita não fotográficas (como noutros títulos da série, método que preferia) mas filmadas durante vários dias de rodagem.

A aventura colectiva comanda o filme. O tópico é caro a Jorge Silva Melo, que começou por filmar a ressaca da perda do colectivo e a desolação pós-revolucionária (PASSAGEM OU A MEIO CAMINHO, NINGUÉM DUAS VEZES, anos 1980). Assim a Gravura do ESTA MÚTUA APRENDIZAGEM encara sobretudo a história dos anos iniciais, as origens da cooperativa nos movimentos de oposição à ditadura do Estado Novo; os artistas, intelectuais e demais pessoas imprescindíveis que se reuniram à sua volta a partir de Lisboa; os percursos pessoais e artísticos dessa gente, referindo obras e técnicas aprendidas, empregues, partilhadas, o trabalho oficial, a despreziosidade. Jorge Silva Melo apresentou por diversas vezes o filme, havendo registo de uma projecção de 2013 no Museu do Neo-realismo a propósito da exposição “A Doce e Ácida Incisão. A Gravura em Contexto (1956-2004)”, em que discorre sobre como “Foi como aprendiz também que fiz este, chamemos-lhe ensaio.” “Trabalhei na ignorância, no carinho e na audição. Tive a sorte de ouvir imensos artistas e também operários” entre os que fundaram a cooperativa e continuaram a fazer gravura estando ligados ou pouco ligados à cooperativa.

Se por um lado, lhe interessou a “narrativa fixada pelos seus heróis”, da qual dispensou as polémicas – “Na memória as polémicas não ficam, fica a alegria da aventura” –, por outro lado voltou a encontrar-se a si mesmo: “[as pessoas entrevistadas para o filme] ajudaram-me a encontrar este fio narrativo que também é a minha vida. A minha adolescência foi feita com estas imagens a chegarem a casa dos meus amigos.” A consonância continua. O filme é dedicado aos fundadores da Gravura e, despedindo-se deles, aos artistas, e sócios da cooperativa, António Charrua (em inscrição inicial), Alice Jorge, Rogério Ribeiro e Bartolomeu Cid dos Santos. Jorge Silva Melo verbaliza-a surgindo em campo para os lembrar a todos num último plano em que, documento especialíssimo do filme, as *fichas* dos sócios da Gravura ganham um sentido relevo.

Já no princípio da cerca de hora e meia de GRAVURA (duração aproximada a ÁLVARO LAPA: A LITERATURA, contrariando a regra dos demais “filmes-retrato” que rondam os 60 minutos ou deles se abeiram como FERNANDO LEMOS – COMO, NÃO É UM RETRATO?), ouve-se a queda do pingo que nos transporta para a oficina da GRAVURA. Nada importa que a filmagem tenha de facto acontecido na oficina da Água-forte (sucudânea da Gravura) porque estamos no cinema.

Maria João Madeira